

Artigos Selecionados

Espiritismo Científico



Eduardo Penna

ARTIGOS SELECCIONADOS

Espiritismo Científico

ARTIGOS SELECIONADOS

Espiritismo Científico



Eduardo Penna

Rio de Janeiro – RJ - Brasil

2022

© 2022. Todos direitos reservados.

Eduardo Penna

Rua Paula Freitas 54 /301

Copacabana – CEP 22040-010

Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

+55-21-32811575

Lulu Enterprises, Inc.

www.lulu.com

3101 Hillsborough St.

Raleigh, N.C. 27607

USA.

ISBN: 978-1-6780-2409-3

Direitos autorais definidos pelas leis internacionais vigentes, pelos termos definidos pela Lulu®, com as respectivas restrições pertinentes.

Arte Gráfica & Diagramação:

Eduardo Penna

P412

Penna, Eduardo.

Artigos Seleccionados / Eduardo Penna - Carolina do Norte, EUA: Lulu Enterprises, Inc, 2022.

77 f. ; 21 cm.

Bibliografia: 1865-2022

ISBN 978-1-6780-2409-3

1. Artigos Seleccionados. 2. Espiritismo.

3. Científico

I. Título.

CDD 133

SUMÁRIO

<i>01.A Psicofera na Pandemia.....</i>	<i>07</i>
<i>02.O Livre-Arbítrio e O Destino.....</i>	<i>19</i>
<i>03.Cremação & Criogenia.....</i>	<i>29</i>
<i>04.Opiniões Alheias.....</i>	<i>39</i>
<i>05.Lares Obsediados.....</i>	<i>43</i>
<i>06.A Verdadeira Prece.....</i>	<i>53</i>
<i>07.A Prece Espírita nos Momentos de Aflição.....</i>	<i>61</i>
<i>08. Obstáculos.....</i>	<i>67</i>
<i>09.O Mal Necessário?.....</i>	<i>73</i>

01. A Psicosfera na Pandemia

Define-se “Psicosfera” como sendo a condição de mentalidade e perfil comportamental de uma região, uma nação e até mundial, não só pelo seu estado psicológico como também espiritual.

É a atmosfera psíquica, ou seja, é um campo de emanções eletromagnéticas quem envolvem o ser humano. A Psicosfera é nosso meio ambiente espiritual.

Em essência, é o perfil resultante do somatório do padrão vibratório dos encarnados e desencarnados, gerando a energia do bioma em que vivemos, na realidade de espaço e tempo determinado.

À luz do Espiritismo Científico, vemos que a resultante não só decorre das condições específicas em que nos encontramos, mas no tipo de interação que estabelecemos, em função de como nos comportamos enquanto humanidade, assim como a característica que assumimos em termos evolutivos.

Sabemos, de longa data, pelos princípios da própria Doutrina em si, que aprendemos na dor e no amor, mais no primeiro do que no segundo, em geral. As

principais ascensões nos degraus da escada evolutiva foram principalmente pela dor, pelas provações, nas quais somos testados na capacidade do pensamento e atitude fraternais, ou não.

Cita-se o importante trabalho publicado de Maroisa Baio, de Limeira, SP, conforme constante na Coluna Espírita:

“O Espiritismo explica que as moléstias fazem parte das provas e expiações da vida na Terra, necessárias ao aperfeiçoamento moral de seus habitantes; não é castigo divino, mas recurso educativo e de equilíbrio às Leis Divinas. Cada pessoa renasce com propensão à determinadas moléstias, até mesmo a um simples resfriado. Essa propensão é definida pelos benfeitores espirituais durante a fase de programação de uma nova existência na matéria. Os genes são programados de acordo com os agravantes e atenuantes de cada indivíduo, de acordo com suas ações em vidas passadas, registradas no perispírito. Isso explica, de forma justa e misericordiosa, o motivo pelo qual algumas pessoas são infectadas e outras não e também toda sorte de desequilíbrios físicos e psíquicos aos quais ainda estamos sujeitos.”

Esta mesma autora, no parágrafo seguinte, transcreveu as palavras do Dr. Jorge Andrea (1916-2017), médico e pesquisador espírita, destacando a necessidade do crescimento moral para que essas crises deixem de se abater sobre a humanidade:

“Somos nós, com a nossa psicosfera, que estamos nutrindo e articulando a exaltação de forças negativas onde, não só a onda virótica, mas, e principalmente, o desajuste mental, encontram campo propício às suas inserções. Enquanto a humanidade não neutralizar o seu intenso egoísmo, não transformar o seu desamor em amor autêntico, outras reações aparecerão. Cabe à humanidade lançar mão de seu próprio remédio, fazendo renascer um campo ajustado de cooperação mútua, onde todos se façam presentes com profundo e despretenso amor pela causa da vida. Tais flagelos não serão mais necessários à evolução espiritual daqueles que reencarnam neste planeta quando nos dedicarmos a cuidar uns dos outros e de toda Criação Divina com ardente amor e caridade, como Jesus ensinou e exemplificou!”

Apesar deste artigo se referir ao período de pandemia do coronavírus, em 2020 iniciada, a sua aplicação,

das idéias e conceitos apresentados, extrapola-se para o que define uma psicofera, em termos gerais.

São bem conhecidos os estudos quanto ao padrão estabelecido justamente no período de Carnaval, principalmente no Brasil, epicentro do turismo, mormente até sexual, não apenas comercial, onde as mortes pelos abusos de gula, libações e luxúria se fazem mais presentes, com desencarnes violentos e esferas de espíritos inferiores sofrendo um pico de ocorrência.

Decerto isto afeta negativamente, todo ano, a marcha evolutiva de nosso povo, enquanto seres evolutivos.

Porém, também não faltam estudos onde se entende que grandes doenças, em termos de periculosidade à vida encarnada, as pandemias, por piores que sejam em termos médicos e sociais, concorrem para por a prova a capacidade do ser humano fazer jus a este termo, onde se pratica o bem ao próximo, a solidariedade, o cuidado, com a retidão necessária para um melhor entendimento final entre os que deveriam ser fraternais em vez de concorrentes, antagônicos.

O que mudou? O que resultou? O que se espera porvir?

O que mudou?

Com a suspensão de atividades carnavalescas, decerto todo o processo de preparo e execução operacional se afetou, em termos econômicos, todo o pessoal envolvido em construção de alegorias, carros, fantasias etc.

Por outro lado, novos caminhos se abriram, levando a um foco destas atividades laborativas compulsoriamente serem focadas em outro público, que não o sacrifício financeiro de um ano inteiro, bem como o suor de trabalho, para outros fins que não uma festa pagã e plena de lubricidade, que dura menos de uma quinzena.

Com a Pandemia da COVID19 tivemos uma nova realidade. O isolamento social levou a uma maior convivência das pessoas entre si, entre seus núcleos familiares, na maioria dos casos com atividades mais domésticas, menos públicas, menos transgressoras, ainda que estas de todo não se furtassem pela teimosia e até força obsessora empurrando para o inadequado, porém em uma fração menor que em condições normais.

A disseminação desta pandemia, como bem sabemos, foi bem mais rápida e violenta do que a clássica pregressa, da Gripe Espanhola, dados os

meios de transporte muito mais imediatos e proliferados.

Assim, vimos um mundo mergulhado em uma atmosfera viral, onde o impacto de desencarne foi tremendo, com necessidade de hospitais não só deste lado da vida, mas também do lado imaterial ser intensificado.

Se nos Carnavais os centros de tratamento espiritual no plano do além se intensificam pelos revezes conhecidos da grande festa pagã, agora também se fez necessária uma maior atenção, dada a ceifa de milhões de vida pela doença.

Dentro deste contexto, não se deixa de ter o conceito inerente de “cada um por suas obras”, o binômio causa/efeito que nunca se abstém.

Vejamos a diferença que existe entre morrer de COVID19 por ser de grupo de risco,- tais como obesos, diabéticos, cancerosos,- para com aqueles que, imprudentes, não acataram as instruções corretas para o comportamento pessoal e social frente a uma conhecida pandemia...

Certamente carregam em si uma carga bem mais pesada em termos de responsabilidade, tanto individual quanto social.

O que resultou?

Temos agora uma consciência coletiva atenta à necessidade do todo, do grupo global, onde as necessidades individuais deixam (ou deveriam deixar) de serem prioridades. As famílias mais unidas, ainda que nem sempre fisicamente, mas os elos foram fortalecidos em sua maioria.

Os esforços de tratamento e cuidados para com os enfermos também sofreu um grande impulso, onde a redução do custo de vidas só se faz possível investindo na saúde e educação, em vez de armas e outros meios de morte.

Infelizes aqueles que neste crucial momento usarem a situação para seus fins pessoais, políticos e econômicos,- seja pelo negacionismo, seja pelo oportunismo,- frutos da ganância, vaidade, lucrando com a desgraça alheia, pela vaidade e/ou pelo materialismo, com corrupção e desvio de verbas, pois suas dívidas serão imensas, homicidas indiretos, contribuindo para um holocausto viral.

E, assim, a resultante foi uma humanidade mais uma vez posta à prova, na prática, onde pela dor e arrebatamento, aqueles que viverem estarão para um futuro onde somente a compreensão e a verdadeira fraternidade permitirão a espécie

sobreviver de fato. O aviso foi dado e os fatos estão sendo consumados.

O que se espera porvir?

Sem adaptação, não sobrevive a espécie.

Sem evolução, sucumbe.

Sem mutação, não há adaptação e nem evolução.

Portanto, o porvir há de ser uma humanidade mais consciente, realmente humana, no sentido de resgate de uma consciência coletiva de bem comum, respeito ao próximo e a si mesmo, a tão esperada busca pela saúde não só física e mental, mas também, principalmente, espiritual.

Associa-se, em geral, a palavra apocalipse à destruição e fim. Mas o seu verdadeiro sentido é o renascimento, reflorescimento, onde o antigo cede espaço ao novo.

Desde o Dilúvio sabemos que o planeta sofreu e sofre grandes transformações periódicas, os ciclos planetários, que nenhum deles está isento, apenas diferindo pelo momento em que se encontra.

Agora, estamos entrando na nova era, progressivamente, de nos tornarmos um planeta de regeneração. Então, era de se esperar que nossa

psicosfera sofresse uma transformação ecológica também no plano espiritual, nos dois planos, encarnado e desencarnado.

A transição é árdua e traz o desafio do reconhecimento de nessa transição nos encontrarmos. Os sinais são progressivos e sutis, mesmo que às vezes drásticos.

Em termos de tecnologia, o salto foi imenso na segunda metade do Século XX, mas desde que o Século XXI se aproximou, com a entrada no III Milênio, não faltaram fenômenos naturais, sociais, políticos, demonstrando que uma nova ordem estava sendo progressivamente arquitetado, tijolo por tijolo construída, sobre as consequências dos atos da própria humanidade, colhendo o que plantou, ou não.

A colheita é obrigatória, não haver plantio apenas deixa que cresçam mais o que já existia. E isso traz consigo a responsabilidade da inércia e permissividade. E, até hoje, deixou-se muito por nada se fazer.

Tanto mal faz quem nada faz, talvez pior do que algo fazer, ainda que errado fosse, dependendo da intenção e objetivo desejado. Ou seja, permitir o mal é tão ruim ou pior do que o próprio mal em si.

Não há mais espaço nem tempo para isto. A urgência se fez, a pandemia trouxe essa urgência. Pararam as guerras, pararam as questões egocêntricas e o mundo tende a uma união global para sobreviver, enquanto espécie.

Sem o Carnaval, sem a festa das ilusões, temos o choque da realidade.

Estamos nós encarcerados nas nossas células sociais, buscando um novo tempo, onde possamos de novo sair ao sol, passear, viver, interagir, de uma forma mais saudável em todos os sentidos.

Em resumo, se a Psicosfera ficou pesada pelas dores da doença e tantas mortes.

Se o mal é necessário, mas ai de quem o cometa, a responsabilidade maior está nos ombros daqueles que não enxergarem a necessidade da mudança de forma de pensar, agir, voltando-se mais para a fraternidade universal.

Temos que abdicando da velha roupagem do individualismo, que apenas conduz ao término da existência como ser, pois somos seres sociais, não se vive sem outro vivente.

Por mais óbvio que isto pode parecer, é sempre bom lembrar que não existem rei e reinado em um campo sem súditos, todos mortos.

Tudo está interligado, da pequena flor no meio do deserto até a maior e mais forte das montanhas.

Enquanto houver a dicotomia mundana, não teremos a unidade global.

Mas que não se confunda com o errôneo conceito de união global com despersonalização total, dentro de uma realidade distópica como descreveu George Orwell no livro “1984”.

Não se trata de abolir a singularidade e nem fazermos todos parte de um coletivo de colméia humana equalizada em pensamento único. Trata-se de nossas diferenças serem causa de soma e não subtração.

O que em um falta e em outro sobra, a coexistência do inverso disto nos permita, de mãos dadas, obtermos a complementação que faz a resultante ser maior que a simples soma de suas partes, pois acrescida está a constante universal: o amor.

Ou seja, solidariedade, caridade, fraternidade.

Conclui-se citando as palavras de Jefferson Souza, no seu artigo sobre Pandemia do Coronavírus e Espiritismo:

“Portanto, meus irmãos e minhas irmãs, é necessário que contribuamos com as autoridades da medicina da Terra tomando as higiênes básicas como uma forma de prevenção, mas não entremos em pânico, pois estamos aqui na condição de enfermeiros do Bem, da Esperança, do Amor, da Doação, do Amparo. Não sejamos mais um para pesar os ombros de Jesus, vamos procurar nos manter firmes no propósito cristão, e confiar em Jesus, pois Ele tem o controle sobre todas as coisas no nosso mundo e no fim venceremos”.

02. O Livre-Arbítrio e O Destino

O Espiritismo como sabemos tem uma Tríplice Natureza: Religião, Filosofia e Ciência.

No caso, a questão recai nos seus conceitos Filosóficos, que fundamentam como Religião e encontram explicação compreensível pelas Ciências.

E este processo se faz na proporção em que evoluímos no plano material para menos distantes estarmos do grandioso conhecimento do plano espiritual.

Abstendo-se de citações de autores, que transformaria este artigo em um ensaio de Filosofia, focando-se na questão de haver de fato o Livre-Arbítrio, ou se estaríamos meramente sujeitos à vontade do Destino.

O Livre-Arbítrio é a capacidade de fazermos escolhas que irão afetar as próprias vidas e dos outros, no presente, a cada momento, com direto reflexo no futuro.

É a dádiva divina, que Deus nos legou para podermos ter escolha de nossos passos, podendo ser

provação ou mérito, podendo tanto gerar evolução quanto estagnação, sem causar regressão.

A regressão espiritual não existe, nas Leis de Deus. O que há é a expiação, períodos em que nossas dívidas ficam em aberto, até o conhecido mecanismo de reconhecimento, arrependimento e reparação.

Sabemos bem que somos a expressão de nossos pensamentos, de acordo com a moralidade deles, que é a expressão de nossas almas conscientes, espíritos encarnados.

Então, conforme agirmos, estaremos constantemente fazendo escolhas, por menores que sejam, mas como tudo se conecta, não há como uma escolha não gerar uma realidade alternativa consequente. Tudo tem consequência.

Como está escrito, a sementeira é facultativa, mas a colheita é obrigatória.

O Livre-Arbitrio está em íntima correlação da Lei de Causa e Efeito.

Muito se confunde em termos de Lei de Causa e Efeito, com a Lei de Ação e Reação, de Isaac Newton.

Na Lei de Causa e Efeito não há a imediata e proporcional resposta simultânea, como ocorre na Lei de Ação e Reação de Newton.

A Quarta Dimensão, o Tempo, na Lei de Causa e Efeito é relativo, mas perene, variando em grandeza, intensidade. E transcende uma ou várias encarnações.

O Livre-Arbitrio não é apanágio da religiosidade, pois é reconhecido pela Filosofia e até pela Psicologia como inerentes à espécie humana, independente da crença em Deus.

O Livre-Arbitrio é a mola propulsora da conduta, seja em qual plano for, encarnado ou não, que está na dependência de nosso pensamento.

O pensamento, por outro lado, depende de como os processos se fazem na mente. A mente enquanto material está submetida e aprisionada no cérebro, ao sabor de seu funcionamento.

Enquanto livre, já no conceito não materialista, mas espírita, esta ligação do Livre-Arbitrio está na dependência do padrão vibratório, da energia espiritual da pessoa.

O Destino é determinismo. Ou seja, independente de nossas escolhas, o ponto final será o mesmo, daquela ação expressa em reação, multiplicada por todas as ações e respectivas reações que se observe.

Em resumo, poderemos escolher o caminho, mas o ponto de chegada seria pré-determinado. Daí ser considerado determinismo.

Para o conceito sem religião, o determinismo do Destino é mecânico, decorrência de hereditariedade, genética, infância, meio social etc.

Para o conceito religioso, o Destino é vontade de Deus, sua programação para a pessoa, bem como a influência divina nas escolhas, sendo as criaturas peças passivas nos movimentos do jogo da vida.

Sina é a chegada exercida pelo Destino, a destinação, aonde a programação de vida, seja em que plano for, estará imutável, independente das estradas escolhidas, opções, todas, que em tudo fazemos na vida, material ou não.

O conceito de Destino é a negação do Livre-Arbítrio, enfim.

Como vimos acima, ambos comportam interpretações materialistas ou religiosas, se

ateísmo ou deísmo forem considerados, com as quatro vertentes descritas.

No Ateísmo das Ciências convencionais, não religiosas, seja qual for a religião considerada, não há deus / deuses. Neste caso o ser está submetido ao seu equipamento neuro-psico-social. E, assim, o Livre-Arbítrio seria a capacidade de fazer escolhas, enquanto no Destino, elas estariam determinadas pela sua própria condição psicológica e social.

De imediato vemos que isto é um conceito falho, não haver mutabilidade nas escolhas ou na resultante, pois desconsidera a relatividade da própria realidade, com alternativas de acordo com o aprendizado e escolhas em si. Assim sendo, não haveriam evoluções sejam elas físicas ou mentais, sem mutação, causando extinção da própria espécie em si.

Então, validado fica o Livre-Arbítrio, para os materialistas.

Quanto ao *Metafísico*, ou seja, qualquer doutrina que reconheça uma deidade, Deus ou deuses, o Livre-Arbítrio permite haver evolução, enquanto o determinismo coloca o ser humano como destinado à sua sina, independente das escolhas que fação, à mercê da vontade guiada, passiva, de Deus (ou

deuses). De novo, a extinção seria inevitável, pela incapacidade de evolução, pela perda de adaptação.

Conclui-se que só nos resta reconhecer o Livre-Arbitrio como válido, enquanto o Destino se torna mera aparência das consequências, dos efeitos, das causas que precederam tais resultados.

Se plantamos laranja, não colheremos maçãs. Mas a escolha do que plantar foi consciente e dentro da capacidade de se determinar a própria consequência.

O Destino, enquanto componente do pensamento, pode ser visto como a vã tentativa de negar as próprias responsabilidades das escolhas que se fez, pelo resultados (sina) observados.

Então, nesta altura da narrativa, excluído fica o conceito pleno de Destino, pois não há compatibilidade com a vida, seja inteligente ou não, senão contrairia todas as Leis da Natureza, como bem sabemos através de Darwin e Wallace.

A questão agora recai sobre a *Natureza do Livre-Arbitrio*.

Seria ele inerente à espécie senciente, com capacidade intelectual bastante para escolhas além

dos instintos, ou seria decorrente de uma planificação divina, como ferramenta evolutiva?

A própria definição de fé consciente, ou seja, a fé não cega, como já abordado em outro artigo, implica na compreensão da existência de planos que não o material.

Para as Ciências convencionais, restritas e limitadas pelo próprio materialismo, não há nada além do material, negando existência de vida inteligente além da encarnada.

Então, na própria discussão do Espiritismo, da natureza além da matéria, encontramos a resposta.

Esta resposta está na própria visão das Ciências, que perdem sua capacidade evolutiva ao recusar o novo, ancoradas no antigo, com a exigência de comprovação experimental.

Porém com a falha de metodologia ao recusar os métodos em si, já que estes também não são estáticos. Ou seja, para novos experimentos, novos equipamentos, óbvio.

A evolução das neurociências e ramos neurológicos tem fornecido cada vez mais meios de comprovar o que as antigas gerações recusaram.

E, importante lembrar, quase a totalidade dos grandes cientistas e vultos que tentaram comprovar a inexistência de vida inteligente não material, pelo contrário do pretendido, forneceram justamente provas que confirmaram existir!

Os avanços da Física e Química apontam nesta direção, no sentido de se comprovar que existem múltiplos planos, os quais meramente estamos ainda engatinhando na sua percepção, detecção.

Ou como queiram na Filosofia, o desconhecimento não implica na inexistência.

Só nos resta concluir que o Livre-Arbítrio é uma verdade, que dele dispomos como parte de seres inteligentes e capazes de no seu exercício modular nossas estradas de vida, seja em que plano for, respeitando as Leis da Natureza, as quais são decorrentes das Leis de Deus.

O Livre-Arbítrio é a mola propulsora consciente da adaptação, que permite pelas escolhas se manifestar a Lei de Causa e Efeito, seja para resgate ou endividamento espiritual, encarnado ou não.

Acabar com o Livre-Arbitrio seria acabar com toda a vida em si, porque extinguiria a evoluçao, acarretando na extinçao.

03. Cremação & Criogenia

Cremação

*“O homem não tem medo da morte,
mas da transição”.*

(Allan Kardec. Introdução do Livro dos Espíritos)

Vários povos desde a Antiguidade tem o hábito de cremar os corpos de seus falecidos, tais como os vikings, os hindus, os gregos e os troianos, para citar os exemplos mais conhecidos.

No entanto esta questão deve ser analisada com maior atenção, inclusive sob a óptica do Espiritismo, pois está em direto contato com a Doutrina e as implicações do mecanismo de morte e o desprendimento da matéria, pela alma quando deixa o corpo terreno.

A tanatofobia, ou medo da morte, é algo tão antigo quanto a consciência da morte, que é inerente aos seres vivos, quanto mais capacitada for a consciência, a inteligência, no sentido evolutivo das espécies. Porém ela independe do nível de erudição, como bem sabemos dos rituais fúnebres já

existentes até com o Homo sapiens neanderthalensis (Neandertais), espécie hominídea prima da nossa e que nos precedeu, tendo havido período de convivência, há mais de 16 mil anos.

Este medo da morte levou aos rituais de sepultamento e o reconhecimento da existência da alma, mais ainda passou a exigir um ritual que precedesse a disposição do corpo, sua destinação de despojo. Assim, nasceu o ritual do velório.

Soma-se a isto a necessidade da certeza da morte, onde na História temos descrições tanto técnicas e científicas como também folclóricas e míticas, onde pessoas aparentemente mortas, na verdade estariam em estados de sono tão profundo que, reduzidas as suas funções corporais.

Neste ritual, no velório, seja qual religião for, serve para que os vivos se despeçam e orem pelos seus mortos, bem como se espera que neste mesmo período os mortos tenham um desprendimento, abrindo mão do corpo já sem vida, para seguirem adiante, seja lá para onde se suponha ir...

Óbvio que quanto menos materialista e mais espiritualizado for o ser, menor será a dificuldade deste desprendimento. O entendimento de que o

corpo é mera veste espiritual é a chave deste desapego fundamental.

Cita-se Cairbar Schutel, conforme nos lembra a Fundação Espírita André Luiz:

“A alma é o Espírito encarnado, que a extinção da vida orgânica acarreta a separação do Espírito em consequência do rompimento do laço fluídico que o une ao corpo, mas essa separação não é brusca. O fluido perispiritual, só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, e assim a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado às moléculas do corpo. A sensação dolorosa da alma por ocasião da morte está na razão direta da soma de pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e por conseguinte também da maior a menor dificuldade que apresenta o rompimento”. Portanto, não é preciso dizer que conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa.”

A adoração de mortos e de seus corpos, por outro lado, traz um grande malefício, pois prende o espírito, impedindo sua marcha evolutiva.

Perante a lei, em geral na maioria dos países, o corpo sem vida deixando de ser pessoa reconhecida, passa

a ser propriedade dos familiares, dentro da hierarquia de posse segundo os ditames da legislação.

Então, mesmo que expressa seja a vontade do morto ainda em vida ter deixado por escrito, a sua cremação, bem como a prévia doação de órgãos, outro tópico correlato, está na dependência direta do responsável autorizar.

Por isto, tanto quanto ser doador de órgãos, quanto ser o corpo cremado, depende de uma boa relação com os seus familiares, quando ainda encarnado, para que não só entendam, mas respeitem a sua vontade depois de já em morte encefálica (doador de órgãos) ou completa (cremação).

Por outro lado, a cremação não desejada, mas por desejo de familiares, contra a vontade expressa da pessoa que morreu, pode trazer consigo o efeito adverso do desejado, até contribuir para que se estabeleça uma relação de obsessão.

Esta indesejada situação deverá ser diagnosticada e tratada, pois constituirá uma doença espiritual de mal relacionamento entres vivos e o espírito recém desencarnado.

Enfim, a cremação é válida, desde que passado o período mínimo necessário para a desconexão, em geral correspondente ao do velório padrão para a maioria das religiões, e que tenha sido a vontade expressa da pessoa, ainda em vida.

Faz-se também a sugestão de assistir o [vídeo sobre a cremação](#), constante no Canal TV Mundo Maior.

Criogenia

Com o advento de novos e maiores recursos das Ciência, principalmente da Medicina, no final do Século XX, desde 1960 em diante a busca pela longevidade se tornou mais e mais o foco de pesquisas.

Depois, inclusive, da sequenciação do DNA, com o Projeto Genoma, mais se descobriu sobre a natureza bioquímica estrutural genética.

A criogenia é uma técnica polêmica lançada nos Estados Unidos na década de '60 onde o corpo, ou apenas o cérebro, é colocado em um estado de congelamento profundo até que, em algum momento no futuro, os avanços da Medicina permitam que a pessoa seja ressuscitada.

A criogenia consiste em preservar o corpo em um estado de suspensão, evitando os mecanismos da morte, como o próprio nome define, o “congelamento” da pessoa, usando a troca do sangue por líquido preservante, em baixa temperatura, em geral nitrogênio líquido.

O método é caro não só para sua instalação como manutenção. Pessoas com maiores recursos são submetidas, quando portadoras de doenças terminais e/ou ainda incuráveis, em geral degenerativas ou tumorais.

Em resumo, combater a morte em momento mais radical possível.

A questão que se impõe, além de considerações éticas e científicas, é a análise espiritual desse método.

Considera-se, em Medicina, eutanásia a “boa morte”, na tradução literal do termo. Quando já sem possibilidade de cura e inevitável o fim, quando este é lento e sofrido, a pessoa se submete à interrupção da vida. Ou seja, é um suicídio por procuração. Em vez de se matar, alguém o faz a pedido, podendo ser considerado um homicídio, legalizado em muitos países.

Outros dois termos, menos conhecidos pelas pessoas em geral, são ortonásia e distanásia.

Na ortonásia, não há uma execução formal, com medicação letal, mas apenas deixa-se de tratar as doenças e suas intercorrências, deixando evoluir naturalmente a doença, apenas dando suporte vital limitado, já que se exclui uso de aparelhos de suporte, tais como intubação, respiradores, bem como uso de remédios para manter o coração e a circulação funcionando. Se portador de insuficiência renal, não mais se faz as diálises, também.

Na distanásia, esta sim, é o que nos importa quando também falamos de criogenia. Ela é o oposto das anteriores. É manter o ser humano “vivo” de forma artificial, quando se diz comumente, “não tem mais jeito”, fora de possibilidades terapêuticas. Vê-se muito disso em CTI, por exemplo.

A legislação brasileira até pouco tempo não reconhecia o direito de desligar respirador e cessar o tratamento de pacientes terminais, o que seria uma variante de homicídio.

No Canal YouTube da “TV Mundo Maior”, encontramos um excelente vídeo que justamente aborda a questão da criogenia, recomendamos assistir. Bem conciso e objetivo. Vejam o que o

estudioso espírita André Marouço diz sobre este assunto.

Ao assistirmos este vídeo, entendemos que a grande diferença está em haver a morte encefálica ou não.

Respeitar o tempo programado para cada encarnação é necessário.

No entanto devemos distinguir entre pacientes com morte encefálica e os que lúcidos, ainda não tem tratamento para doenças terminais, em geral tumores malignos.

Entretanto, podemos também considerar que estes pacientes terminais também estariam indo contra a programação, que incluiria a morte por tais doenças, como parte de suas próprias missões, incluindo o penar deste sofrimento, por resgate de vidas progressas, como parte de sua evolução espiritual.

Mas se aceitarmos as doenças sem considerar os avanços de cura, podemos estar também errando pela passividade perante as doenças, já que os avanços médicos permitiram, ao longo dos séculos, tratar e até curar muitas doenças, em geral infecciosas e, mais recentemente, degenerativas e até neoplasias.

Porém estes tratamentos devem ser em pessoas vivas, não terminais, nem envolver preservação de cadáveres.

Outra forma de criogenia, mas mais abordada em ficção científica, é aquela para animação suspensa em viagens espaciais de longa duração. No entanto, neste caso, também poderíamos extrapolar que naves maiores e sofisticadas, estações ou cidades espaciais, com possibilidade de novas gerações nascerem, sucessivamente, seria algo mais natural do que a criogenia.

Portanto, a criogenia é uma prática que vai contra o que se entende como natural ou válido. E pode prejudicar o espírito de quem a ela está submetido. Isto sem falar do prolongamento desnecessário da morte, suas implicações se estendendo aos familiares, seja pelo custo, como pelas falsas esperanças.

A criogenia, em última análise, seria uma distanásia não só física, mas também espiritual.

No mínimo, uma nova forma de mumificação, de alta tecnologia. Com o agravante de se “brincar de Deus”, promovendo a ressurreição...

Valeria a pena voltar à vida em um longínquo futuro onde todos que conhecemos, amigos e parentes, já se foram...?

04. Opiniões Alheias

“Não perca o seu tempo se defendendo e nem tentando provar nada a ninguém. Sua consciência é o seu mestre e o seu guia. Só Deus sabe de suas intenções, de sua bondade e de seus defeitos. O que importa de verdade é o que você pensa e sabe de si mesmo”

(Francisco Cândido Xavier).

É muito frequente, ao longo da vida, no processo de amadurecimento, as pessoas se acomodarem na visão do nosso "eu" que cristalizaram na mente, até negando as melhorias que alcançamos...

Diferentes pessoas evoluem em diferentes tempos. Isso não acontece apenas em escolas, onde alguns colegas até repetem de ano, bem como não só na progressão profissional, mas também na psicológica, comportamental, espiritual.

Sempre lembrando que a ascensão social, econômica, científica, nada tem a ver com a espiritual. Pelo contrário, podemos amilharar fortunas, mas nos empobrecendo espiritualmente...

Por outro lado, também, assim como não devemos não nos preocupar com as opiniões alheias, devemos

estar atentos às resultantes e reações aos nossos atos, pois refletem o que somos e agimos.

Devemos estar atentos para não errarmos por vaidade e ficamos surdos e cegos aos aprendizados, que são constantes.

Na citação em que se baseia este texto, não se deve entender errado, não se trata de não dar valor às palavras alheias. Mas, sim, ter sabedoria para diferenciar o joio do trigo. E não permitir que as diferentes posições evolutivas tenham influência negativa e, pior ainda, sejam ecoadas.

Devemos considerar a grande diferença entre a crítica construtiva e o discurso tóxico.

Toda a diferença de boa e má comunicação está baseada em uma só palavra: AMOR.

Então, que de nossas bocas só saiam palavras de amor, ainda que possam até doer no momento, que também deve ser com sabedoria escolhido, quando dizer.

Igualmente importante é a expressão de nosso pensamento, de nossa vibração, na forma do que é dito, como as palavras são proferidas. Sem a

tranquilidade e sem AMOR, não se fará nunca uma boa comunicação.

Quem não for capaz de amar a si mesmo, realmente, - não a aparência que cultive, no vício moral, - mas a essência, não poderá se comunicar construtivamente. Neste caso, despejo tóxico, projetado na outra pessoa. Seria apenas projeção, transferência.

Como vemos, tudo está baseado e nos remonta ao princípio da causa e efeito. Esse princípio é a liga, o elo, que nos conecta ao infinito, como todos membros de uma grande família, enquanto seres sencientes, não importa em que plano estejamos.

Mas esta conexão só se harmoniza com AMOR.

O amor verdadeiro, incondicional, a grande meta evolutiva.

Ele é a chave-mestra de todas as portas e portões que possam existir ao longo do Caminho da Verdade.

05. Lares Obsediados

Identificar e Resolver a Obsessão de lares é fundamental, quando não se evitou a ocorrência disto.

Sabemos bem que somos a expressão de nossos pensamentos, de acordo com a moralidade deles, que é a expressão de nossas almas conscientes, espíritos encarnados.

A Doutrina bem nos ensina que as pessoas podem obsediar as outras em ambos os planos e entre eles.

Assim, podemos ter obsessão de encarnados e de desencarnados entre si, bem como encarnados e desencarnados, nos dois sentidos.

No que se refere aos lares, os espíritos livres, pessoas desencarnadas, podendo ter apegos e sentimentos mórbidos, idéias fixas, pouca evolução ou defeitos de desapego, podem se “grudar” em lares, sendo os conhecidos “fantasmas”, causando os ditos “lares mal-assombrados”, tão bem explorados na literatura e no cinema.

Tipos de Obsessão:

O processo de ação espiritual sobre pessoas e/ou lugares tem fases progressivas de ação, quando nocivas:

Perturbação: ruídos, luzes, alterações de temperatura, gemidos, choros, batidas.

Obsessão: interferência maior com prejuízo de pensamentos, má interação entre as pessoas, causando maior desconforto, brigas, perpetuando círculos viciosos pré-existentes, podendo haver distúrbios de saúde leves ou moderados.

Possessão: as vítimas têm grave sofrimento de personalidade e conduta, atrapalhando sua vida doméstica, social e profissional. As pessoas tendem a se tornarem paranoicas, com necessidade de suporte médico, muitas vezes sendo tratadas por doenças psiquiátricas sem sucesso, com exames médicos sem evidenciar alterações relevantes.

Dominação: último estágio, gravíssimo, onde a pessoa afetada torna-se completamente tomada pelo espírito obsessivo, que toma controle de seu corpo.

No caso de lares obsediados, os efeitos em geral se fazem sobre mais de um membro habitante do local,

com maior expressão de acordo com a potência de mediunidade individual.

Causas:

- situações pendentes correlacionadas mais ao imóvel do que seus habitantes
- um espírito que fica na sua casa se sentindo dono dela
- alguém encarnado com quem se desentendeu, gerando ódio
- ódio da vítima e/ou de seus familiares.

Mecanismo:

O ódio cria uma conexão negativa com a vítima, envio constante de energias negativa, causando os acontecimentos sem explicação, doenças sem explicação, azares que insistem em permanecer.

Conforme o próprio clima espiritual pré-existente no lar, óbvio que maior ou menor será a penetrabilidade e o efeito deste processo.

A existência de pessoas com pensamentos negativos, maus hábitos, vícios, será um campo mais fértil para o assentamento da obsessão.

Por outro lado, lares esclarecidos, harmônicos e espiritualizados, estão menos propensos aos efeitos sobre si, até podendo identificar o processo, bem como trata-lo.

Não se trata apenas de opressores espirituais, mas sim energias nocivas que mandam na direção da vítima e de sua família, sem perceber.

Sinais:

Precozes:

Podemos identificar sinais precoces de interferência negativa em um lar através de alguns sinais:

- o lar deixa de ser um lugar reconfortante
- não consegue dormir direito
- não encontra o verdadeiro sossego em lugar nenhum
- sente culpa por coisas que aconteceram há muito tempo
- não consegue se libertar de culpas antigas, que achava já resolvidas
- enxerga culpa em pequenas coisas, superfaturando situações do cotidiano

Intermediários:

- pessoas doentes em casa, podendo alternar entre os membro moradores.
- acidentes frequentes

- maior consumo de remédios, laboratórios e atendimentos hospitalares.
- brigas e desentendimentos constantes, ocorrências repetidas e constantes.

Não existe uma folga na sua família, quando não é um é o outro. Infecções e inflamações, acidentes, despesas com remédios, enfim, hospitais e laboratórios fazem parte da sua rotina.

Avançados:

Conforme progride o processo, notamos maior efeito.

- sensação de perseguição gratuita existe,
- progressivamente um comportamento obsessivo-compulsivo
- pode agravar em um estado psicótico paranoico
- mania de perseguição, projeção de acusação por qualquer comentário alheio.
- falta de prosperidade financeira, má administração e aumento de consumismo.
- vícios: tabaco, álcool, drogas, comilanças, limpeza, comportamento de TOC.
- vitimismo, sente agressão e injustiça por qualquer situação.
- medo muitas vezes infundado, causando isolamento social e profissional.
- depressão, com aumento do sono, fuga em dormir.
- quadros de pânico, com depressão ansiosa.

É típico o comportamento de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) em pessoas que não o apresentavam antes. Se já tinham, exacerbam.

A tristeza e o vitimismo são comportamentos viciantes e nesses casos o viciado não percebe que é uma pessoa negativa. A culpa pelos problemas e pela sua tristeza é de qualquer um ou qualquer circunstância, menos dele.

Tratamento:

Em todos os momentos e passos deve ser considerada a doutrinação dos obsessores, para que se iluminem e evoluam, sem o que o processo não se dará eficaz.

Muitas vezes são questões mal resolvidas com o próprio local, quando não com um mais moradores locais.

Também deve ser considerado que o obsessor desencarnado pode identificar questões pregressas de outras encarnações que a própria vítima desconhece. Célebre exemplo temos no obsessor que perseguia Divaldo Franco.

Nem todos obsessores de lares atingem graus graves, podendo apenas perturbar por necessidade de

comunicação, como bem sabemos do clássico caso das Irmãs Fox.

Primeiro Passo

- praticar sua fé dentro de casa, independente da religião, diariamente.
- praticar o Evangelho no Lar ou ler leituras sagradas, regularmente.
- faça reservadamente se alguém com quem vive não gosta,
- não impor religião a quem não aprecia, pois piorará a situação com brigas.

Se algum familiar não gosta, tenha bom senso, faça na ausência dele, não provoque. Se você tentar impor sua fé a um familiar que não acredita, só vai conseguir mais brigas. Faça no mesmo horário todos os dias. Faça do jeito que der, sem desculpas.

Segundo Passo:

Esse passo é o mais importante de todos.

- tratamento convencional de dependentes de tabaco, álcool e de drogas ilícitas.
- procurar profissional para ajuda (psicólogo, psiquiatra) para si mesmo

Vai ser difícil no começo, mas ao não ter poder sobre a vítima e seus sentimentos o obsessivo ficará fraco e será mais fácil de derrotar.

Desvincular-se de sentimentos negativos como revolta e falta de fé é primordial.

Terceiro passo

Quando a vítima já estiver equilibrada, a vida irá melhorar.

Esta melhora chamará a atenção de outro membro de família.

Trazer para si com carinho e paciência, sem julgamentos e imposições,

O recrutamento de demais membros da família é pelo exemplo e amor.

Não são as críticas que salvam, e sim o amor e a compreensão.

Assim, a vítima já em recuperação fortalecerá o lar com a positividade e harmonia, aumentando o potencial de energias positivas do lar, com práticas que são muito importantes, a conduta com vigilância e oração.

Quarto Passo

Esse é o momento mais difícil e poucos o vencem, é muito difícil tirar viciados do domínio de obsessores.

- vítima viciada é mais atacada pelos obsessores
- ajude em oração, não enfraquecer na árdua luta
- não se deixar contaminar pelas energias negativas.
- entender que as palavras do viciado são mais do obsessor do que da vítima.
- não haverá a cura do vício, mas o início da jornada que a própria vítima seguirá.
- não criticar e nem cobrar a vítima viciada, o efeito será nocivo.
- paciência e motivação para com a vítima, bem como pelo obsessor.
- o tratamento não é só da vítima, é principalmente também do obsessor.
- tudo é energia, mas a positiva é mais forte que a negativa, usar isto.
- o bem sempre vence o mal, portanto, só o bem pode vencer, não ecoar o mal.

Lembra-se, finalmente, que como já foi dito anteriormente, entende-se como vício não só tabaco, álcool, drogas ilícitas, mas vícios morais, de conduta, pois qualquer pensamento negativo ou prática exagerada, doentia, de algo, é um vício, tal como comer demais, limpar demais, dormir demais, trabalhar demais, ter necessidade de ter razão em tudo etc etc etc.

06. A Verdadeira Prece

Existem muitas preces, em todas as religiões e doutrinas.

E, destas, dirigidas a diferentes entidades, porém com um ponto em comum, indubitável: a deidade, o ser supremo, Deus, não importa que nome se dê, sempre será Aquele que reconhecemos como o Grande Pai, Criador e Protetor.

Deus, acima de todos os conceitos, é a quem nos dirigimos, diretamente ou não, pois todas as preces levam a ele, considerando-se seus Filhos Superiores, Celestiais, Mensageiros da Palavra de Deus, em suas diferentes formas, apresentações, situações específicas e coletividades fiéis.

A fé não é cega. Ela enxerga com olhos que não são da matéria, mas da alma, espírito encarnado ou não, que pode ver, porque pelo Livre Arbítrio quis ver, não quis ser o pior dos cegos, fez-se o voluntário da visão não material.

A Prece não é um rito e nem uma liturgia.

É uma comunicação entre criatura e Criador.

É o elo de comunicação, jamais unilateral, que se estabelece e renova a cada vez que praticada, não importa que palavras se use, desde que seja a alma, espírito encarnado ou não, em comunhão com o

pensamento voltado para os planos superiores, direcionado diretamente ao Divino Supremo.

Deus escuta. E responde, porém, não mais verbal, pela palavra articulada, pois já o fez há milênios, ao nos fornecer a Vida e Suas Diretrizes. Ele responde pela própria vida, seja ela em que plano for, pela sempre válida Lei da Causa e Efeito, Ação e Reação, Atos e Consequências.

A prece é o momento do pensamento se expressar especificamente, mas rezamos a Deus, por Deus e com Deus em cada ato que cometemos, pelo que plantamos a cada infinitésimo momento da eternidade, pois tudo entre si está encadeado, na imensa teia da existência. Tudo se conecta.

Somente os seres vivos dotados da chamada inteligência, portanto, seres sencientes.

A senciência é a capacidade dos seres de sentir sensações e sentimentos de forma consciente. Em outras palavras: é a capacidade de ter percepções conscientes do que lhe acontece e do que o rodeia.

A palavra senciência é muitas vezes confundida com sapiência, que pode significar conhecimento, consciência ou percepção.

Uma pessoa é senciente. Uma pessoa pode ter sapiência, conhecimento, erudição, oportunidade de ter sido letrado, graduado e muito além. Mas isto não significa ser sábia. A sabedoria e a sapiência são conceitos muito diferentes e eles importam para

definir a natureza espiritual no seu momento evolutivo e vai mais importar para a prece, onde devemos por ela buscar a sabedoria acima da mera sapiência.

“A evolução espiritual não se manifesta pela capacidade de armazenar conhecimentos, declamar verdades ou fazer milagres, mas pela capacidade de corrigir os seus erros”

(Rudolf Steiner)

Então, agora, estamos prontos para repetir o conceito básico de toda e qualquer prece verdadeira, a sua Tríplice Natureza.

A prece se baseia em louvar, agradecer e pedir.

Por mais óbvio que possa parecer dizê-lo, é no óbvio, quanto mais, pior a lembrança consciente e praticada, porque justamente subestimamos o simples, na ilusão da valorização do complexo, como se este fosse o verdadeiro tesouro da existência, mas não é nada além do que a mera ilusão do apego materialista.

O louvor não é uma submissão. É o reconhecimento de Deus, pela gratidão da existência, pois Deus não quer elogios, mas a nossa doação espiritual em conexão, o reconhecimento de Dele sermos criaturas decorrentes e não para apenas sermos escravos existenciais, mas seus Filhos em evolução constante, em diferentes planos, mundos e dimensões. O louvor é reconhecimento e comunhão, conexão, a Aliança que se renova, intensifica e

consagra, não só no momento da prece, mas em cada momento da própria vida, seja ela qual for, plano ou planeta.

Então já entendemos que a prece é própria, individual, discreta, desprovida de qualquer intenção secundária e, principalmente, exibição. Aliás, isto já está bem definido nas próprias Escrituras Sagradas, como bem já aprendemos desde tenra idade, em todas nossas passagens terrenas. Ou deveríamos ter aprendido, realizado interiormente, no mínimo.

A prece em grupo compartilhada se justifica quando, em qualquer religião, faz-se a corrente do bem, pela grande meta da potencialização das energias em prol do próprio bem em si, Quando devem ser respeitados também os conceitos que nos ressalvam de qualquer vaidade e/ou exibicionismo, flagelos que não só poluem a prece, mas que nos atolam em planos enlameados dos piores fluidos que possamos emanar, em vez de expurgar.

Ao se agradecer, o foco é a Vida, o amor de Deus, a nossa Saúde e a Força para continuarmos dignos da Obra da qual somos eternos operários.

Ao agradecermos a Deus, fazemos como também consta na maior das preces, o Pai Nosso, que não deve ser recitado qual uma formulação automática de um texto decorado, mas sim deve ser sentido e emanado d'alma a cada palavra, a cada segmento, sentido e explicitado, na renovação das energias que nos fazem seguir adiante.

Ao agradecer a Deus, seja pela existência ou qualquer outra Graça alcançada, devemos ter em mente o conceito de mérito e de edificação. Valemos a Graça pelo que para merecer antes realizamos, ao acatar a Vontade de Deus, que, em última análise, está resumida na palavra Amor, cujo maior exemplo nos foi dado pela suprema fraternidade, Jesus.

Como podemos ver, tudo também está entre si conectado, louvor, agradecimento e, não menos, pedido.

Ao pedir, justamente é para que possamos ainda seguir adiante na marcha evolutiva, para podemos agradecer por consequência e, assim, merecer o que nos falte para continuar nada mais e nada menos que a própria obra que fazemos, sermos seres que Ele criou para evoluir e construir, depurando e aprimorando pela eternidade.

O pedido, portanto, não é pela matéria, é para que a matéria não nos falte, enquanto encarnados, para que, justamente, possamos adequadamente melhor e mais fortalecidos, renovados e recarregados em nossas baterias existenciais, demos continuidade à Obra em si.

A estrada é árdua e tem que ser. Bem o sabemos. Aprendemos muito mais na dor do que no amor, neste mundo e psicosfera em que ainda nos encontramos, em vias de transformação, conforme já anunciado, de mundo de expiações, para

regenerativo. E, por isto, mais e mais árdua a estrada de provações será.

Mas se na dor não aprendermos, estaremos estagnando na sapiência sem sabedoria, pois temos a responsabilidade da senciência.

Quanto maior o conhecimento, maior a responsabilidade. Caso contrário, estaríamos equipados e ociosos, cada vez mais, o que seria um grave erro.

Desesperar, jamais. O desespero é fruto do esmorecimento da fé, que na oração tem a sua cura. Como diz o ditado, ora que melhora.

“Se um dia te encontrares em situações tão difíceis que a vida te pareça um cárcere sem portas, não desesperes. Ora em silêncio e confia em Deus, esperando pela Divina Providência, porque Deus tem estradas, onde o mundo não tem caminhos.”

(F. C. Xavier)

Lembremo-nos, sempre, todos nós: nunca estaremos sós. Deus está conosco, se nós permitirmos estar, desde que com Ele sempre estivermos.

Encerro este singelo texto citando John Donne, que Ernest Hemingway colocou na abertura de seu livro “Por quem os sinos dobram”, expressando a fraternidade:

“Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.”

(John Donne Meditações VII).

07. A Prece Espírita nos Momentos de Aflição

Vivemos um período particularmente difícil, onde mais do que os fatores do cotidiano, comuns a todos nesta vida terrena, mais além de ter a cada dia a força de vencer o desafio da jornada e seus infinitos obstáculos, soma-se a carga global de uma pandemia, onde magnifica toda a nossa angústia, causando frequentemente crises de pânico.

Não é fácil e nem é para ser, esta estrada. Afinal, como bem sabemos e estudamos, a vida terrena é para o nosso aprendizado, aprimoramento, onde a cada infinitesimal fração de tempo estamos frente a frente com a provação.

Por mais que tenhamos momentos de alegria, prazer e felicidade, o ruído de fundo de nossas obrigações e a energia que trazemos, por tudo que fomos nesta e noutras vidas, não deixa de estar presente. A isto temos adição da interação social, preocupações de nossas obrigações e tudo mais que nos pode fazer atingir um estado de borda, de fronteira, com variável resposta de acordo com cada pessoa.

Lembremos também daqueles que além de suas aflições, já estão em situações tão delicadas, que ténue se torna a capacidade de seguir em frente, com o risco até da maior abominação da vida material, contra ela atentar, na auto-extinção.

Então, irmãos e irmãs, nestes momentos de aflição, maior se torna a necessidade do conhecido (mas tão válido) clichê, de ver o copo meio cheio ou meio vazio. Não esquecer de olhar para o lado e ver que por pior que nos sintamos, alguém estará mais fundo ainda no que o presumido poço em que nos julgamos.

Cuidado, vigiem e orem contra a vaidade da desgraça e também com a fraqueza moral para não ser condescendente com os vícios, talvez piores que os clássicos da matéria,- tais como jogo, tabaco, bebida e sexo,- mas os da moralidade e ética, não permitindo a soberba, a vaidade, o orgulho até da própria desgraça, seja real ou apenas aparentada, relativa.

Afinal, os vícios morais, impregnados na alma, são a causa e não o efeito dos vícios da matéria, onde a fraternidade é aviltada, com a substituição pela infâmia da predação do ser humano pelo de sua própria espécie.

Ore por si, mas não apenas peça pela melhoria, para superar o momento de aflição, mas também pelos que lhe cercam, seja sempre fraternal, o maior exemplo que tivemos disso foi do Mestre Jesus.

E, citando outro dito, igualmente tão batido mas verdadeiro, não há bem que sempre dure, mas também não há mal que nunca se acabe.

Tenha fé, fé em si, em Deus. Se não acreditar em si, como Ele acreditou, não poderá dar nem um

primeiro passo, o que começa qualquer jornada, não importa quanto árdua ou longa seja.

A prece não é uma récita de formulação decorada e repetida automaticamente. É uma experiência da alma, manifesta na consciência, onde sintonizamos as esferas superiores, para não só pedir, por nós e pelos demais, mas agradecer estarmos aqui e por tudo que conquistamos, bem como pela oportunidade de resgatar o que devemos, reparando erros conscientes ou não, para que tudo, no final, seja de acordo com o princípio básico, sempre evoluir.

Como consta no consultado material da Rádio Boa Nova, texto de Ricardo Guelfi de Souza:

“A prece para os momentos de aflição torna-se um grito de esperança e fé ante as dificuldades do nosso atual estágio evolutivo de provas e expiações. E é esta fé que nos sustenta para, como resignação, enfrentarmos os momentos de sofrimento de nossa vida.

‘Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados’, disse Jesus nos mostrando que sempre, mesmo nas aflições, estamos sendo olhados pela misericórdia divina. É prece para os momentos de aflições que nós, espíritos encarnados, conversamos com Deus e pedimos o seu apoio para continuarmos seguindo perseverantes.

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos apresenta, entretanto, as aflições como sendo aprendizados

necessários para a depuração moral. Muitas vezes um não de uma mãe ou de um pai carrega em si o caráter pedagógico, não punitivo. O mesmo acontece com as aflições e sofrimentos que passamos.

Não pense que Deus irá fazer desaparecer todos os sofrimentos, Ele dará a força necessária para te auxiliar. É com o seu livre-arbítrio que deverá provar sua resignação e resiliência a fim de aprender com as provas e expiações presentes no sofrimento.

Tenha sempre a certeza de que as aflições são passageiras e que elas são a oportunidade de você aprender. A fé e a esperança são a força de sustentação e a comunicação mais íntima com Deus está presente na prece para os momentos de aflição. Não tenha medo, converse com Deus.”

Ou ainda, no que se refere a orar pelos aflitos, temos a abordagem do tema, conforme consultamos a publicação do *Evangelho Espírita*, também pela tradução de Herculano Pires, igualmente referenciada.

Em ambos os casos, - orando por nós mesmos ou por outra(s) pessoa(s), sempre devemos não apenas pedir, repito, mas também louvar e agradecer, pois a maior dádiva que temos é a Vida, seja em que plano for, para a evolução, - cientes sermos todos iguais e semelhantes, na grande fraternidade do Criador.

A solidão é uma ilusão das aparências físicas, materiais. Não existirá solidão a ser enxergada onde houver a consciência do Mundo Maior.

Obsessores se alimentam de nossos desesperos e angústias, agravando-os cada vez mais, parasitando nossas energias, para mergulharmos nas trevas que delas dificilmente se libertam. Estejamos atentos.

Só o conhecimento do Amor liberta. Quem ama perdoa e segue em frente. Não se culpe pelos erros e sim aprenda, para não mais errar e poder reparar os progressos. Essa é a lei, sempre evoluir.

Reconheça o que lhe aflige e não fuja. Abrace com amor cada momento desta vida e dele faça a conquista de sua própria superação, para executar com a inspirada maestria, cumprindo a missão sem esmorecer.

Não lamente o previsível, o repetitivo cotidiano, isso é uma ilusão. Não se desespere por isso. A estagnação é não saber enxergar, realmente. Um cego pode ter mais visão da vida do que qualquer exímio atirador.

Por mais igual que tudo possa parecer, sempre teremos variantes onde se abrem portas para o aprimoramento. Na curva de aprendizado da vida, ampliamos e aguçamos a visão, passando a enxergar com mais detalhe e profundidade o que julgávamos, erroneamente, já obra completa. Na verdade tudo e todos somos matéria-prima, frutos da Criação, que é dinâmica e eterna.

A verdadeira batalha não é pela força física, mas espiritual, mentalidade focada no que podemos

fazer, sem temer e nem lamentar cada ato se pelo bem realizado. Aquele que justo for, não será injustiçado, ainda que muitas vezes incompreendido.

Entenda que a incompreensão não é culpa sua, mas de quem ainda não sabe iluminar o próprio caminho. O pior inimigo de cada ser humano habita ele próprio.

Desesperar, jamais. Abra os seus olhos, mas os de sua alma.

Assim poderá enxergar mais do que as ilusões circunstancias, pois tudo é efêmero.

Porém entenda que a sua visão também pode precisar ser modelada e pode estar sendo ensinada de forma até contundente por quem lhe cause a dor, como ferramenta. Até mesmo por alguém com quem tenham questões pregressas. Atente-se às idéias e não as formas pelas quais se manifestam.

Enfim, vale sempre lembrar que o bem que ao próximo fizermos, sempre será para nós revertido, bem como o bem que nos fizermos, nos demais será ecoado, se mantivermos a Verdade, o Bem, em nossas essências, no pensamento praticado.

Muita paz para todos.

Que o Amor de Cristo nos una sempre mais.

08. Obstáculos

Devemos estar atentos aos aparentes ou transitórios obstáculos que aparecem em nossa estrada, durante a jornada material, mantendo-nos bem-dispostos, para combater as causas de ansiedade. Devemos nos repetir a idéia de querer melhorar, em todos os sentidos.

Até podemos enxergar coisas positivas em que seus processos de implantação imponham aparente piora, negatividade. Mas isso tem explicação física e filosófica, não existe processo ou fenômeno monopolar, tudo é dual. Está é a *Lei da Natureza*.

É nestas horas em que a Doutrina se faz mais necessária e os seus ditames devem estar mais presentes. A missão é esta, vencer obstáculos.

Calma, coragem. A resposta preexiste ao comentário, que nem necessário seria, na verdade. Problematização por vício psicológico da neurose nossa de cada dia. Muitas coisas questionamos desnecessariamente por vício neurótico, ansiedade, depressão ou ambas, depressão ansiosa.

E todo processo psicológico desta ordem não está apenas limitado ao que se aborda no estudo materialista da mente.

Mas também não podemos atribuir todo o mal a elementos exteriores, outras pessoas, encarnadas ou não. Não, não vivemos em um sistema de maciça obsessão. Na maioria das vezes, na verdade é auto obsessão. Nós nos sabotamos!

Existe uma máxima que diz que todo mal que nos acontece é por nossa própria culpa, ou melhor, responsabilidade. Seja por ter feito algo, ou deixado de fazer, ou ainda, termos deixado nos fazerem. Nós criamos nossos próprios “monstrinhos”.

Então, é claro, cai na máxima “vigiai e orai”. E, qualquer entreguismo, diga não, pois não há passo adiante para quem tiver pouca fé. Fé em si, fé em Deus, fé em qualquer outra referência.

As referências devem ser cultivadas para podermos delas tirarmos a força para vencer os obstáculos.

Tudo aqui que já foi dito vai terminar, no final das coisas, na obrigatoriedade de reflexão, autoconhecimento, para poder viabilizar a Reforma Íntima.

A Reforma Íntima é o caminho da solução para todo e qualquer obstáculo que se apresente, por nós, pelos outros ou pelo processo evolutivo em si. Não é fácil. Varia de intensidade, de leve a grave, esta incapacidade de ultrapassar obstáculos, bem como eles mesmo podem ter variáveis intensidades.

E, mais uma vez, é necessária toda Ajuda Fraternal, para que nesta estrada siga adiante, sem esmorecer. Seja de familiares, amigos, profissionais e dos irmãos/irmãs espirituais, de ambos os planos.

Como constam nos escritos da Doutrina, na Codificação, aceita com resignação os obstáculos e os vença, com a força da consciência de que nunca se está só, ainda que nos iludamos com a aparente solidão. Deus está conosco e Jesus nos guiará sempre que dele mais nos aproximarmos.

Somente pelo Amor Incondicional e pela Fraternidade Absoluta podemos atingir o fim de uma estrada que apenas se sucede em tantas novas, mas sempre no seu devido tempo, pois não há infâmia maior do que se entregar ao desespero e por fim à própria existência material. Não se justifica, nunca.

Olhe para os lados e verá que assim como tem gente “melhor”, também tem gente “pior”. Não tenha orgulho da desgraça e não faça da sua transitória

miséria psicológica, tornando a fraqueza espiritual uma muleta de parasitismo. Seja luz, não se entregue às trevas, seja a guia e não obsessor.

O Sonho Impossível é combater a luta que parece imbatível, é ter forças quando se parece já estar todo estropiado, mesmo assim olhar para cima e seguir em frente.

Ao seguir em frente, em dado momento verá que a fossa ficou para trás e dela saiu mais forte do que antes de nela entrar.

Não se isole. Frequente regularmente um centro, uma igreja, um culto, estude a Doutrina, mas não deixe de cuidar de sua alma, pois ela é a essência de sua própria existência.

Faz parte de sua missão enfrentar e superar os obstáculos, os quais até já estavam programados antes mesmo de ter encarnado.

Os obstáculos não se resumem a dificuldades materiais, mas existencial, dívidas que trazemos de relações distópicas anteriores. Em geral envolvem pessoas a quem devemos pela Lei de Causa e Efeito.

E, no final, agradeça a Deus por ter obstáculos, pois sem eles, não há como evoluir, sem o valioso mérito da luta em superá-los.

Estude a Doutrina e se Reforme.

Jesus, o Grande Irmão, Mestre e Consolador, está conosco para isto.

Ensina-nos a sermos melhores enquanto nos enxuga as lágrimas com suas bênçãos.

09. O Mal Necessário?

Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!
(Mateus 18:7)

Muitas vezes nos questionamos por quê Deus, em sua Infinita Sabedoria, permita que o Mal exista e ele seja exercido pelo ser humano, prejudicando o seus semelhante.

Bem sabemos, pela Doutrina, a resposta para isto, tão simples: O Livre Arbítrio, a base de toda a existência carnal, pela qual nos expiamos e evoluímos, mais pela dor que pelo amor, em geral.

Ou, como também encontramos instrução no estudo de “O Livro dos Espíritos”, na Questão 634:

“Por que o mal se encontra na natureza das coisas? Falo do mal moral. Deus não poderia criar a Humanidade em melhores condições?”

Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes. (Ver item 115.)

Deus deixa ao homem a escolha do caminho: tanto pior para ele se seguir o mal; sua peregrinação será mais longa.

Se não existissem montanhas, não poderia o homem compreender que se pode subir e descer; e se não

existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros.

É necessário que o Espírito adquira a experiência, e para isto é necessário que ele conheça o bem e o mal; eis porque existe a união do Espírito e do corpo. (Ver item 119.)”

Também entendemos que estamos em uma global convivência heterogênea, onde cada um (ou cada grupo) se encontra em diferentes níveis evolutivos, em provação de coabitação neste planeta, - neste tempo e espaço, ainda nos primitivos níveis de 3 Dimensões, submetidos ao nível ainda linear e unidirecional progressivo da 4^a Dimensão (O Tempo).

Então, a explicação para o mal cometido, pela Grande Obra de Deus, em sua Onisciência e Onipotência, articula de forma que o mal de um possa, no mínimo, contribuir para o bem de outro, se não nesta vida, mas além dela, bem como nas sucessivas.

Ainda que isto possa gerar novas dívidas, tais como se observa entre assassino e assassinado, porém a ambos caberá o desafio do que fazer da consciência de seus atos, todos sob a Lei da Causa e Efeito.

Com isto são colocadas questões sérias e delicadas, tais como perseguições pessoais, obsessões, lesões corporais, mutilações, assassinatos, abortos e suicídios.

Muitas questões destas merecem análises individuais e suas particularidades devem ter este sério tratamento, pela compreensão e não pelo julgamento que a apenas Deus deve caber. As Leis Terrenas devem seguir as Leis de Deus.

Por que? Porque Deus é a Essência do Bem, O Amor Absoluto. Não se trata da projeção antropomórfica de um deus irado, punitivo, mas sim aquele que a Boa Nova, o Evangelho de Jesus nos trouxe, da Redenção, da Salvação, do Amor Incondicional.

E, na Doutrina, encontramos a Terceira Revelação, o Evangelho Redivivo, que nos descortinou todo o caminho para Deus, através de Jesus, na confirmação da vida eterna e não apenas uma, mas toda uma estrada em múltiplos planos, onde a Evolução se impõe.

Portanto, assim como o Bem, o Mal existe apenas como rótulos de condutas, não do todo da pessoa, de cada um. Cada espírito ou alma, em constante desafio para a balança que existe entre forças antagônicas, da dualidade que em tudo existe.

A Reforma Íntima não nos isenta de pagar as dívidas, mas nos desperta para não mais acumularmos dívidas, cada vez menos, pelas novas diretrizes que se vai tomando na mente, expressa na conduta, conforme mais nos aproximamos do Grande Mestre.

Enfim, qual o mal necessário se comete, ai de quem o cometa, mas em sua Infinita Sabedoria, articula pelo que será útil à Evolução de todas as partes envolvidas, pois, como bem sabemos, é uma Filosofia Eclética e Pragmática, de onde tudo algo de bom se tira, desde que seja separado o joio do trigo.

Até mesmo de monstruosidades absurdas, algo de bom sempre sobrevive, para reflorescer e repovoar o Bem. Grande exemplo na Fraternidade e Caridade entre e para com as vítimas do mal.

Fora da Caridade não há Salvação, devendo-se amar ao próximo como Ele nos amou (e ama), o Amor Incondicional.

*“Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre,
tal é a lei”
(Allan Kardec)*



Artigos Selecionados

Espiritismo Científico

Coletânea de artigos do autor, em sua maioria publicados na Revista Espírita O CAMINHO, do CEAQ/RJ.

Tem como foco a temática do Espiritismo Científico.

Sem fins lucrativos, visa fomentar o estudo deste complexo tema.

Segunda obra produzida na série.

